

VENDO JESUS COMO UM JUDEU...

No ano passado foi publicado um livro que, certamente, merece não só uma resenha mas até um comentário pelo seu valor como estudo mais profundo dos tempos evangélicos: é a obra de **Richard A HORSLEY** e **N. A. SILBERMAN**, cujo título poderia ser em nossa língua: *A mensagem e o Reino: como Jesus e Paulo deram origem a uma revolução e transformaram o mundo antigo*.¹

1. Richard A HORSLEY e N. A. SILBERMAN, *The Message and the Kingdom. How Jesus and Paul ignited a revolution and transformed the Ancient World*. New York, Crosse/Putnam, 1997

O escritor Hørsley já é conhecido dos leitores brasileiros pela obra sobre os movimentos populares no tempo de Jesus, sobretudo os movimentos de oposição ao dominador império romano. Evidentemente sempre duramente perseguidos pelo poder, eram, entretanto, para o povo, muitas vezes simpáticos num misto de esperanças e de medos.² Além dessa publicação, ele é conhecido também porque se tem dedicado ao estudo do mundo do Novo Testamento, principalmente da Galiléia. Publicou um livro sobre a região da Galiléia e um outro sobre Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia. Estudou especificamente o contexto social de Jesus e dos Rabinos.

2. Richard A. HORSLEY e John S. HANSON. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1995

Qual é a importância do texto que agora estamos apresentando?

Nestes últimos anos algumas tendências e pesquisas tem sido privilegiadas pelos estudiosos do mundo da Bíblia por que elas tem produzido novas expectativas e bons resultados.

Além do uso dos métodos sociológicos e antropológicos nas análises, essa busca de dados tem sido muito útil para o conhecimento do mundo do Novo Testamento por sua preocupação com a literatura apocalíptica e rabínica e principalmente com as descobertas arqueológicas, que estão se multiplicando ultimamente com ganhos notáveis. O uso iluminador das descobertas arqueológicas está ajudando numa reconstrução mais apropriada e mais coerente do universo onde se move o Novo Testamento, obrigando os autores a repensar e reformular as teses clássicas ou tradicionais em seus estudos e hipóteses sobre os tempos em que foram escritos os livros da Nova Aliança. A arqueologia

é uma base segura para a reformulação da história dos habitantes desses lugares.

Era necessária essa utilização sobretudo nos estudos sobre o judaísmo do segundo templo e sobre o movimento judaico-cristão porque preconceitos graves e antigos dificultavam o desenvolvimento de maior objetividade no conhecimento histórico e as teses explicativas repetiam-se como se fossem absolutamente verdadeiras quando na realidade eram só hipóteses edificadas sobre observações bem frágeis.

O melhor conhecimento do judaísmo (ou judaísmos) do segundo templo é indispensável e começa a ser considerado um dos grandes acontecimentos para a configuração mais precisa e coerente do ambiente e das origens do movimento de Jesus. Todos diziam que Jesus e Paulo eram judeus. Quem poderia negá-lo? Entretanto, de fato, não se tiravam todas as conseqüências dessa afirmação evidente. Trabalhava-se como se estivéssemos em plena posse dos contornos essenciais das figuras fundamentais da nova religião chamada Cristianismo mas o que se projetava sobre esses personagens eram configurações de uma religião cuja estruturação aconteceu muito tempo depois. Isto produzia um desequilíbrio nos resultados prejudicando não só os estudos bíblicos como também os estudos teológicos.

Essa reflexão mostra o valor que o escrito de Horsley-Silberman traz para o estudo do judeu-cristianismo primitivo.

É uma obra que conhece e leva em conta as últimas descobertas da reconstituição geográfica e sociológica, sendo capaz de trabalhar os fatos históricos da época que situam em seu contexto concreto a ação de Jesus, a ação de Paulo e os gestos das primeiras comunidades que produziram o chamado Novo Testamento.

Nossos estudos bíblicos sofriam de perigosa esquizofrenia em seu aprofundamento. De um lado falava-se do Império Romano helenizado, da Judéia helenizada como personagens ativos no encontro com os cristãos, mas, na hora de colocar no papel a inter-relação dos dois grupos, a vida e o pensamento dos judeus ou outros não cristãos e a vida e o pensamento dos discípulos do Evangelho apareciam como dados paralelos, sem interferência alguma. Dir-se-ia que pouco significava para tal ação de Jesus, Paulo ou dos Sinópticos a presença deste ou daquele imperador, ou legado, ou procurador, ou sumo sacerdote. As coisas caminhavam como se fossem contemporâneas mas isoladas.

Quem dava algumas pistas neste sentido, embora muito imperfeitas, era a obra de Bo Reicke³, sobre o Novo Testamento, já conhecida entre nós. A publicação de Horsley-Silberman pode gerar uma nova inspiração para os estudos exegéticos. O conhecimento arqueológico levado a sério ajuda a localizar a

3. Bo REICKE, *História do tempo do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C.*. São Paulo, Paulus, 1986, p. 376 (Nova Coleção Bíblica)

figura de Jesus e Paulo. Eles se tornam personagens mais reais, diminuindo essas situações de difícil compreensão e mistério que obrigavam a supor a presença de intervenções divinas, agora desnecessárias. Essa visão um tanto mística ou até mítica da realidade, impedia que a riqueza das ações das personalidades viventes fosse reconhecida e servisse como paradigma para as ações dos seus seguidores.

Acompanhando a obra começamos a ouvir coisas do cotidiano, preocupações dos homens da rua, projetos que movem grupos e criam conflitos e sobre tudo começamos a desmascarar uma história feita pelos que venceram que impedia a presença de tantos mártires e heróis, que só cometeram o erro de terem perdido no resultado final das guerras, sejam elas materiais sejam ideológicas, extinguindo-se no enterro que se faz dos mortos.

Começamos a chamar as coisas pelo seu nome e cada vez fica mais fácil entender por que Jesus terminou crucificado e por que Paulo nos falava tanto de prisões e de sofrimentos pessoais ou comunitários. Como podíamos explicar essas coisas de um Jesus (*manso e humilde de coração*) e de um Paulo (soldado e cidadão romano)?

A arqueologia e a história nos apresentam a perversão do sistema político-econômico-militar de um Império que crescia e gastava em luxo a riqueza que era tirada através dos impostos recolhidos das massas camponesas e das regiões dirigidas por chefes pelegos cujo venda ao Império significava para eles e suas famílias um bem estar material e espiritual. Eles reproduziam nas suas regiões o fausto egoísta e excludente da casa do imperador e dos potentados privilegiados.

Alguém com projetos comunitários fraternos e igualitários não poderia passar despercebido. Jesus e posteriormente Paulo seriam personagens perigosos, que apresentavam outro modelo alternativo de poder o qual colocava em risco os modelos vigentes mantidos através dos exércitos e do sistema de patronato.

Os autores vão trabalhando dentro desses paradigmas o projeto evangélico (o anúncio do reino em Jesus) e as novas comunidades (fraternidades santas de Paulo), apresentando os detalhes. Nessa reconstituição os personagens parecem reais, tanto da parte do Império, como do Judaísmo da Judéia ocupada bem como das pessoas das aldeias e cidades, que reagem diante desses propósitos de formas bem diferentes.

Dentro desse ponto de vista percebe-se não só a ausência real de algo que se possa chamar de Paz Romana na Judéia ocupada, coisa fácil de entender dado o descalabro final da chamada Guerra Judáica, que revela a incapacidade de Roma para lidar com um povo diferente, como também a crueldade da pretensa Paz Romana nas outras províncias do império, onde o sistema

de tributação cobrada por exatores de impostos e o governo por potentados provinciais tiravam até o sangue das populações pobres, a quem só ficava a esperança apocalíptica da intervenção divina ou o engajamento em movimentos de libertação brutalmente reprimidos. Essa era a situação na qual viveu Jesus na Galiléia ocupada e era a vida de Paulo nas províncias romanas.

Uma mensagem de Deus para todos, onde o pobre é o objeto de sua predileção com direitos a receber uma plena evangelização, nunca poderia ser boa nova para o império. E era isso que esses espirituais seguidores de Jesus diziam: “*não me envergonho do evangelho...*”. Era sim uma boa nova o que eles tinham a oferecer e assim o sentiam os grupos que se reuniam nas casas para celebrar o pão da igualdade e o sangue derramado no grito de esperança: *vem Senhor, vem*.

Horsley-Silbermam conseguiram oferecer uma narrativa continuada que vai de Jesus à Paulo, passando por todos os grupos que se formaram na história de Jesus e nos momentos posteriores à sua morte. São muitos os lugares e diferentes os grupos. São muitos os judaísmos e muitos os judeo-cristianismos, que foram aparecendo neste primeiro século. A imagem que Lucas nos oferece nos Atos, embora tenha seu valor histórico, não nos apresenta um painel do que existiu concretamente. Mostra-nos uma linha muito reduzida e muito teológica. Na descrição das comunidades, as fontes são usadas com propósitos predeterminados e neles se enquadram as figuras históricas de Jesus, Paulo e outros, servindo à finalidade de uma obra teológica, que Lucas claramente visualiza. O Jesus do Terceiro Evangelho, como o Paulo dos Atos são fundamentalmente isso: figuras desenhadas à luz de intenções teológicas, mas nunca seguramente o Jesus e o Paulo reais da primeira metade do século primeiro.

— Seria de desejar, que a edição dessa obra em português aconteça em breve, pois não temos nada traduzido no Brasil com essa linha cada vez mais freqüente nas publicações estrangeiras. Faz falta uma narrativa coesa, que pegue todo o primeiro século e leve o leitor de um lugar a outro, de uma personagem a outra sem precisar dar pulos ou apelar para considerações de mistério e de mística que não se impõe explicitamente pelo texto e contexto.

— Essa edição recomenda-se, também, porque os autores são reconhecidamente competentes. Juntam em si tecnicamente as qualidades de exegetas e arqueólogos, podendo justificar cada uma de suas afirmações ao contrário de outras publicações que não tem suporte necessário para merecerem confiança crítica. Existem obras de publicação recente às quais falta o embasamento histórico que ajude o leitor a se localizar. Isso fazem muito bem estes dois autores.

Aos méritos científicos junta-se a utilidade para os estudantes que precisam de uma síntese prática e fiável. A obra propõe teses já admitidas pela maioria dos bons exegetas para a compreensão dos fatos nos tempos da reconstrução do segundo templo e que ainda não são o quotidiano das nossas leituras bíblicas. São pesquisas de que se aproveitam os cientistas conhecedores de conclusões seguras em estudos recentes mas que ainda não tiveram a devida divulgação para os estudantes que constituirão os pastores de amanhã.

Acrescentaria que o título não me parece o ideal no caso de se fazer uma versão para o português. Ele não indica claramente o que o leitor poderá encontrar na obra. Pode-se dizer que não é um título falso, é até bom num ambiente privilegiado onde exista grande número de publicações e seja necessário buscar para cada livro características de novidade dentro do tema específico que quer abordar e, nele, a sua contribuição particular. Nós ainda não temos muitas publicações nesse sentido.

Pe. Ermínio Andrés Torices OSA
Professor de Literatura Paulina
Instituto Teológico São Paulo — PUC de Campinas